

CEDI

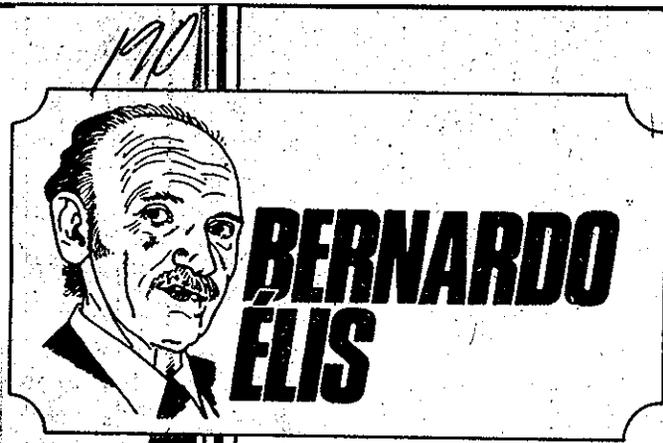
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dionís da Uamba (C.O.)

Class.: Índios / Extintos

Data: 19 de Outubro de 1982

Pg.: IEXR 0002



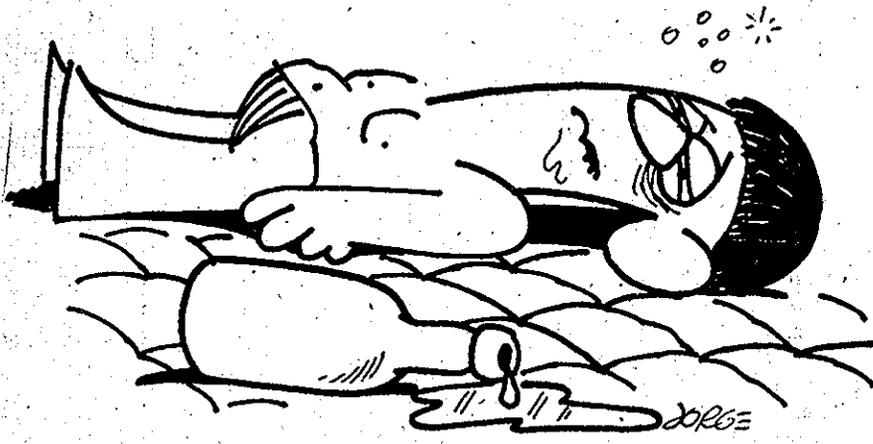
NOSSOS HERÓIS INDÍGENAS

Afira os espíritas, quem hoje se lembra de Humberto de Campos? No entanto, como foi lido, comentado, rido e chorado! Muita gente formou seu gosto literário através desse maranhense, sua prosa e poesias, no meio das quais havia um poema de que tanto gostava um meu primo. Era o poema chamado, se não me falha a memória, que falha sempre, O PAPAGAIO DOS ATURÉS, cujo tema era o seguinte. A valente e

aguerrida tribo dos aturés, uma nação indígena amazônica, desapareceu totalmente vitimada de peste transmitida pelos cristãos. Dela restou unicamente um papagaio que continuou falando a língua desse povo, idioma que ninguém entendia, numa tragédia que a sensibilidade de Humberto de Campos captou poeticamente.

O capítulo da história americana referente à extinção de indígenas é muito rico em exemplos, inclusive em Goiás, cujo próprio nome decorre de uma nação massacrada total e completamente pelo primeiro Bartolomeu Bueno. Também nesse capítulo estão os xacriabás, um povo terrivelmente agressivo, que tinha por habitat a fronteira de Goiás e Bahia. Foram os primeiros a serem aldeados aqui, estabelecendo-se no lugar que se chamou São José do Duro, hoje Dianópolis, cabendo a catequese aos jesuítas, logo depois expulsos do Brasil, época em que esses xacriabás foram transferidos em massa, num autêntico genocídio, para a região que é hoje o Triângulo Mineiro, aldeamento do Rio das Velhas, margem do rio São Francisco.

Um jornal de São Paulo, em 1974, publicou uma série de três artigos assinados por Beth Cataldo,



tapuios roubavam meninos, conforme várias estórias então relembradas com horror. Entravam nas lojas e pediam tudo. Os comerciantes não podiam dar o que pediam e recebavam vinganças, motivo por que lhes davam cachaça, bebida tão do agrado dos tapuios, e em breve lá estavam eles — homens, mulheres e meninos — tombados nas calçadas entre vômitos, fezes e moscas, numa cena tão degradante que nós faziamos acreditar que de outra raça seriam os heróis de Alencar e Gonçalves Dias.

Em Goiás conheci alguns tapuios em condições um pouco melhores, vivendo de carregar água para as casas de família. Se se embebedavam, não cheguei a saber.

Nós, brasileiros, amamos nossos indígenas com o mesmo ardor com que os odiamos: a tragédia pessoal de Iracema ou Diacuí nos comove sinceramente, mas ficamos indiferentes ao extermínio de nações inteiras, como acontece a todo instante, e de que o fechamento da "Casa do Índio" de Goiânia é apenas um episódio.

De cá ficamos rezando para que nossos tapuios não voltem a povoar as calçadas das ruas, atolados em vômito, fezes e moscas, como antigamente.

nos quais registrava a morte do derradeiro xacriabá, com quem se sepultavam esse povo e essa nação tão poderosa e valente no início da ocupação de Goiás.

Fico pensando nessas coisas no momento em que os jornais noticiam o fechamento definitivo da "Casa do Índio", em Goiânia, atitude verdadeiramente lamentável, pois acarretará sérias dificuldades para os nossos já tão sofridos tapuios condenados ao desaparecimento. O motivo é a necessidade de reduzir despesas; mas, Deus do céu! e as mordomias?

No meu tempo de menino em Corumbá, cena de que me recordo vivamente, era a presença dos tapuios na cidade, grupos de 5 a 12 pessoas, sempre andando um atrás do outro, os homens vestindo apenas calças e as mulheres e meninos (raros) usando camisolões rotos e sujos. Estavam sempre de passagem para o Rio de Janeiro, aonde iriam pedir ferramenta e armas ao Presidente da República o Papai-Grande para eles. Durante a permanência deles na cidade, nós, meninos, saíamos menos, que os pais diziam que, como os ciganos, os